

MINHA MÃE MORA NI FEIRA: O USO DA PREPOSIÇÃO NI NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM AS LÍNGUAS AFRICANAS

Emerson Santos de Souza¹

Josane Moreira de Oliveira²

Norma Lúcia Fernandes de Almeida³

RESUMO

A substituição da preposição *em* por *ni* é recorrente fala e na escrita, desempenhando principalmente o papel de locativo, conforme abordou Souza (2012; 2015). A partir de comparações feitas entre variedades do português do Brasil e da África, conjectura-se que essa troca talvez tenha a ver com influências das línguas africanas, especificamente a língua iorubá, que também possui o *ni* como preposição locativa (ALMEIDA; BARAÚNA, 2001). A fim de mensurar e descrever o uso do *ni* no português brasileiro rural em relação à preposição canônica *em*, são analisadas falas da comunidade de Matinha, distrito de Feira de Santana-BA, que possui em sua história social marcas de um antigo quilombo. Esta pesquisa tem por base a metodologia laboviana, que utiliza programas estatísticos através dos quais as variáveis (in)dependentes selecionadas são cruzadas. Os resultados apontam que a preposição *em*, a mais utilizada na fala, é uma regra semi-categórica. Na rodada de dados do programa GoldVarb, considerando a aplicação da variante *ni*, dois grupos de fatores foram selecionados: **Traço semântico do SN** e **Nível de escolaridade**. O peso relativo de .62 do fator *lugar* demonstra que a preposição *ni* é mais usada em contextos locativos. O grupo de fatores **Nível de escolaridade** apontou que o uso de *ni* é favorecido na fala de pessoas *analfabetas*, com .62 de peso relativo.

Palavras-chave: Contato linguístico. Português brasileiro. Preposição *ni*.

ABSTRACT

The use of the *ni* preposition instead of the *em* preposition recurs speech and writing, mainly playing the role of locative, as discussed Souza (2012; 2015). From comparisons between varieties of Portuguese from Brazil and Africa, it is conjectured that this exchange may have to do with influences from African languages, specifically the Yoruba language, which also has *ni* as locative preposition (ALMEIDA; BARAÚNA, 2001). In order to measure and describe the use of *ni* in rural Brazilian Portuguese we analyze data from the speech of Matinha community, a district of Feira de Santana-BA, which has in its social history marks of an old 'quilombo'. This research is based on Labovian methodology that uses statistical programs through

1 Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor das redes municipal e estadual. E-mail: Souza.emersonsantos@hotmail.com.

2 Professora Doutora da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: josanemoreira@hotmail.com.

3 Professora Doutora da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: norma.uefs@gmail.com.

which the selected (in)dependent variables are crossed. The results show that the preposition *em*, the most used in speech, is a semi-categorical rule. In the run of GoldVarb program data, considering the application of *ni* variant, two groups of factors were selected: **NS semantic feature** and **Level of education**. The relative weight of .62 of the factor *place* shows that *ni* preposition is mostly used in locative contexts. The group of factors **Level of education** pointed out that the use of *ni* is favored in the speech of illiterate people, with .62 of relative weight.

Keywords: Linguistic contact. Brazilian Portuguese. *Ni* preposition.

INTRODUÇÃO

Há duas principais hipóteses que tentam explicar a origem do português brasileiro (PB): a da **transmissão linguística irregular** (LUCCHESI; BAXTER, 2009) e a da **deriva secular** (NARO; SCHERRE, 2007). Contudo, em ambas, é indiscutível a participação da população negra africana, pois, na primeira, há a ideia de que o PB é oriundo da forma imperfeita como os africanos aprenderam o português e, na segunda, há a premissa de que os aspectos do PB são consequências da mudança interna da língua, que teria sido acelerada pelo contato do português com as línguas africanas que vieram para o Brasil na época da colonização.

Um dos elementos linguísticos que exemplifica ambas as hipóteses é a substituição da preposição *em* por *ni*. De acordo com Souza (2015), o *ni* seria uma interferência das línguas africanas no português. Todavia é pertinente estudar essa preposição sob a ótica da deriva secular, porque, de certa forma, não se negaria a participação das línguas africanas na formação do PB.

Assim, neste estudo, explica-se a origem da preposição *ni* a partir da hipótese da deriva secular, com o objetivo de investigar sociolinguisticamente o uso dessa preposição no português rural brasileiro. Para tanto, tomou-se por base a metodologia laboviana, que estuda a relação da língua com fatores sociais como, por exemplo, faixa etária, sexo/gênero e nível de escolaridade.

O presente artigo está subdividido em seções. Na primeira delas, faz-se uma breve explicação sobre a origem do *ni* sob a perspectiva da deriva secular, com base em Mattos e Silva (2006), Naro e Scherre (2007), Noll (2008) e Bonvini (2009). Na segunda seção, discute-se, de forma panorâmica, a metodologia utilizada, a variacionista, a partir dos estudos de Labov (2008[1972]) e Mollica (2007); além disso, expõe-se a estruturação do *corpus* utilizado. Na terceira, são apresentados os resultados obtidos a partir do programa estatístico GoldVarb, assim

como são feitas as análises linguísticas e sociais do fenômeno mensurado. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

A PREPOSIÇÃO NI E SUA RELAÇÃO COM AS LÍNGUAS AFRICANAS

Souza (2015, p. 47-55) explica a presença da preposição *ni* no português do Brasil a partir da hipótese da transmissão linguística irregular, considerando que essa partícula morfológica não seria resultado da influência direta de um substrato, mas de uma sobreposição semântica ocorrida entre elementos mórficos locativos das línguas contatantes durante a formação do português brasileiro, a saber: o *em* (português europeu), com a regularização analógica ocorrida no kimbundu e no umbundu com o processo de pré-nasalização das oclusivas (CHATELAIN, 1888-1889), que transforma o /di/ (preposição também locativa) em /ndi/, teria passado a *ni* (do iorubá).

Outra hipótese que justificaria o uso do *ni* no Brasil é a de que os fatores decorrentes do contato linguístico entre europeus e africanos teriam acelerado um fenômeno comum nas línguas, o da deriva secular, contribuindo para que a preposição *ni* surgisse e permanecesse por muito tempo no vernáculo dos brasileiros.

A preposição do português europeu padrão *em* é constituída de um ditongo nasal [ẽy], entretanto, ao longo da história da língua portuguesa, é comum a monotongação dos ditongos /ey/ e do /ow/ em /e/ e /o/ (MATTOS E SILVA, 2006, p. 65). Consequentemente, esse metaplasmo aconteceria com os ditongos nasais, transformando, neste caso, *em* [ẽy] em *en* [ẽ]. Contudo Noll (2008, p. 60) diz que tanto na linguagem popular brasileira quanto no português regional europeu observa-se que o *en* [ẽ], em posição inicial, sofre uma transformação para *in* [ĩ] (*engenheiro* [ĩʒe'neru]), fazendo com que a preposição *em* [ẽy] variasse com a forma *in* [ĩ], recorrente no português popular brasileiro.

A monotongação e a transformação do fonema nasal da preposição *em* [ẽy] (a) em *in* [ĩ] (b), por sua vez, teriam sofrido consequências do contato linguístico com as línguas africanas, fazendo com que a preposição *in* assumisse a forma CV (consoante-vogal) – aspecto fonético recorrente nas línguas crioulas e/ou com traços crioulos (HOLM, 1992 apud BONVINI, 2009, p. 54) – *ni* (c), contribuindo para a constituição dos paradigmas *na, no, num, ni* etc., como teria acontecido com o

dialeto siciliano, que apresenta, entre outras variantes da preposição *intra* ('dentro de', 'em'), as preposições *nni* e *n'a* (VIARO, 2013, p. 207).

- a. Estou *em* Feira de Santana.
- b. Estou *in* Feira de Santana.
- c. Estou *ni* Feira de Santana.

A fim de sustentar a hipótese de que as línguas africanas influenciaram o *ni* no Brasil, provocando uma aceleração de fenômenos fonéticos intrínsecos à língua portuguesa, foram analisados inquéritos do *corpus* Cordial, da Universidade de Lisboa, de localidades de cinco cidades portuguesas distintas, como, por exemplo, Viana de Castelo, Évora, Coimbra, Lisboa, Braga e Porto. Na análise dos dados portugueses, não foi encontrado nenhum caso de *ni*, o que não significa afirmar que essa preposição pudesse ter sido usada em Portugal e, posteriormente, desaparecido.

Independentemente de como o *ni* teria se inserido no português brasileiro, é fato que a regularização morfológica dessa preposição, segundo Castilho (2010, p. 590), acaba originando uma forma neutra das contrações da preposição *em*. Corroborando essa ideia, Celso Cunha (1970, 223-230) restringe o uso do *ni* à variação *ni (em) ~ em casa de* e explica que essa preposição é “uma forma analógica, abstraída de *no/na*, pelo modelo da preposição *de* (pron. *di*)/*do/da*”. Dessa forma, teríamos *do/da/de (di) – no/na/ne (ni)*.

METODOLOGIA

A linguagem, como propõe Labov (2008[1972]), é um fato social, pois ela revela o comportamento do indivíduo na sociedade em que está inserido. Logo a linguagem pode ser considerada como um instrumento que serve para descrever e interpretar tanto o interior do ser humano, quanto as coisas que o cercam. Com base nessa premissa, é que surge a Sociolinguística: “uma subárea da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2007, p. 9).

Partindo desse princípio, utilizou-se, nesta pesquisa, a metodologia variacionista, proposta por William Labov (2008[1972]). Para tanto, foi usada parte

do *corpus* do português rural de Feira de Santana (dados da comunidade da Matinha), que pertence às **Amostras da língua falada no semiárido baiano**, organizadas pelas professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (2008), ambas docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana – (UEFS).

O *corpus* da Matinha está estruturado em três faixas etárias: faixa 1 (18-38 anos), faixa 2 (39-58 anos) e faixa 3 (a partir de 59 anos). Cada uma delas, por sua vez, é constituída por 4 (quatro) informantes, de ambos os sexos/gêneros, conforme o Quadro 1, abaixo.

Quadro 1: Informantes da comunidade rural

Comunidade rural	Faixa 1 (18-38 anos)		Faixa 2 (39-58 anos)		Faixa 3 (a partir de 59 anos)	
	Sexo/gênero					
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Matinha	2	2	2	2	2	2

Neste estudo, foram controladas as seguintes variáveis linguísticas: **Definitude do SN** (*definido [+ específico], definido [- específico] e indefinido*); **Posição no espaço** (*origem, destino, inferior, superior, dentro, fora, anterior e posterior*); **Deslocamento no espaço** (*[+ movimento] e [- movimento]*); **Animacidade do SN** (*inanimado, animado [+ humano] e animado [- humano]*); **Grau de concretude do SN** (*concreto e abstrato*); **Traço semântico do SN** (*assunto, modo, tempo, lugar e causa*); e **Natureza sintática do SN** (*complemento nominal, complemento adverbial e objeto indireto*). Além dessas, foram observadas as variáveis sociais: **Faixa etária**; **Sexo/gênero**; e **Nível de escolaridade**.

Após codificados, os dados foram submetidos ao Programa GoldVarb e os resultados estão apresentados na seção seguinte.

RESULTADOS DA ANÁLISE DO /I/ NO PORTUGUES RURAL DE MATINHA

Na análise do português rural (Matinha), de um total de 1317 ocorrências, **4%** são de *ni* e **96%** de *em*, conforme a Tabela 1, a seguir.

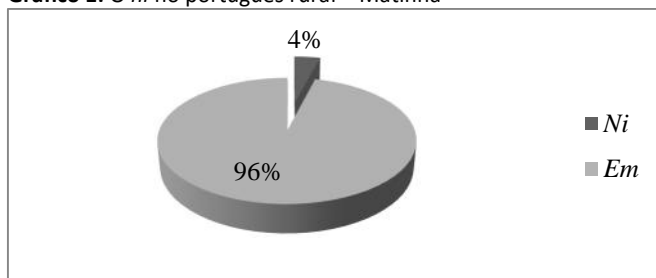
Tabela 1: O *ni* no português rural - Matinha

Variantes	Total	Percentual
<i>Ni</i>	49/1317	4%
<i>Em</i>	1268/1317	96%

Com esses valores, nota-se que a preposição europeia *em* é mais recorrente na fala, ou seja, o seu uso configura-se como uma regra **semi-categórica**.

Ainda que o *ni* tenha ocorrido em apenas 49 dados, procedeu-se a uma análise de regra variável, considerando esta variante como regra de aplicação a fim de identificar os seus contextos de uso.

Durante a rodada, o Programa GoldVarb apontou *knockouts* no grupo de fatores **posição no espaço** (*inferior, superior e fora*), com 0% de ocorrência de *ni*. Após amalgamação, os dados foram redistribuídos por dois fatores: *dentro* e *fora*. No grupo **Animacidade do SN**, houve *knockout* no fator *animado [-humano]* (nenhuma ocorrência de *ni*), que foi unido ao fator **animado [+ humano]**, passando o grupo a ter os fatores *animado* e *inanimado*. Os fatores *modo* e *assunto* do grupo **Traço semântico do SN** também tiveram *knockouts* (nenhum dado de *ni*) e logo foram amalgamados ao fator *tempo*, formando o *não-lugar*, que fez oposição a *lugar*. O Gráfico 1 ajuda a melhor compreender a distribuição das variantes no português rural.

Gráfico 1: O *ni* no português rural – Matinha

Depois de ter amalgamado os fatores a fim de resolver os *knockouts*, foi feita uma nova rodada para obtenção dos pesos relativos. Dos grupos de fatores que participaram desse processo, apenas dois foram selecionados: **Traço semântico do**

SN e Nível de escolaridade. O *input* inicial da rodada foi 0,037 e o final foi 0,028. O *log likelihood* foi -199,481 e o nível de significância foi 0,013 no *step up*.

TRAÇO SEMANTICO DO SN

O primeiro grupo selecionado foi o **Traço semântico do SN**. Nele, o *ni* ocorreu em 41 dados (5%) indicando *lugar*, com um peso relativo de 0,62 e em 4 dados indicando *não-lugar* (1%), com peso relativo de 0,24, como mostra a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2: Aplicação do *ni* e Traço semântico do SN – Matinha

Fatores	Ocor./Total	Percentual	Peso Relativo
Lugar	41/880	5%	0,62
Não-lugar	4/398	1%	0,24

O favorecimento do uso do *ni* com o fator *lugar* sustenta a ideia de que essa preposição talvez possua alguma relação com as línguas africanas, dados o fato histórico-social de a Matinha ser um antigo quilombo e o fato de saber que os últimos africanos que vieram para o Brasil no século XIX eram falantes do iorubá, língua que tem a preposição *ni* com o valor semântico locativo. Além disso, o valor percentual do uso do *ni* nesta comunidade indicou que há variação com a preposição *em*, fato que não ocorreu nas análises do português popular e culto de Feira de Santana (SOUZA, 2015). Em (1), (2), (3) e (4) são exemplificados os contextos locativos encontrados no vernáculo dos indivíduos de Matinha; já em (5) exemplifica-se o contexto de *não-lugar* da preposição *ni*.

(1) A metade. Minha mãe mora **ni Feira** e minha... minha irmã. A metade mora aqui. (Homem da faixa 1)

(2) Aquele que se mete **ni encrenca** e o outro vê e não pode largar só, tem de tá junto. Mas hoje ante a gente andar só do que acompanhado. E os amigo qu'eu tenho é da localidade

mehmo, qu'eu praticamente fui nascido, criano junto, é os amigo. (Homem da faixa 1)

(3) Ah, era bem forte ela. [Vá lá pegar minha sandáia lá **ni vovó**] L. era bem grandinha, depois de o pai dela saiu. (Mulher da faixa 1)

(4) Bateu **ni minha perna**. (Mulher da faixa 3)

(5) **Ni setenta e sete** me casei. Quer dizer que nós estamos em... (Mulher da faixa 3)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE

O **Nível de escolaridade** foi o segundo grupo selecionado pelo programa estatístico. Os fatores desse grupo foram *analfabetos* e *séries iniciais*, conforme os níveis de escolaridade informados pelos entrevistados. Os informantes analfabetos usaram *ni* em 22 dados (5%) e os que cursaram apenas as séries iniciais usaram essa preposição em 27 dados (3%), como mostra a Tabela 3.

Tabela 3: Aplicação do *ni* e **Nível de escolaridade** – Matinha

Fatores	Ocor./Total	Percentual	Peso Relativo
Analfabeto	22/414	5%	0,62
Séries iniciais	27/903	3%	0,44

O peso relativo de 0,62 para o fator *analfabeto* faz entender que, em épocas distantes, essa variante poderia ter sido mais recorrente na fala das pessoas devido à ausência de um *input* padrão. Esse dado pode estar relacionado à variável **Faixa etária do falante**, que, embora tenha sido eliminada pelo programa, apresenta dados importantes.

As faixas etárias 1 e 2 tiveram o mesmo valor percentual (3%), mas a faixa 3 apresentou um ponto a mais que as outras duas (4%), confirmando que, no

passado, o ‘ni’ teria sido mais recorrente, mas, com o passar do tempo, foi perdendo espaço para a preposição *em* devido a outros fatores, como a escolarização, por exemplo.

O peso relativo de 0,44 do fator *séries iniciais* inibe essa preposição, mas os 3% de ocorrências levam a crer que existam outros fatores que contribuam para que o *ni* seja mantido. Uma das possibilidades para que essa manutenção possa ter ocorrido é o uso recorrente de expressões cristalizadas com a variante *ni* (como ‘vem *ni* mim’) nas redes de relacionamento e/ou em músicas que também fazem uso dessas formas fixas (como em ‘pinga *ni* mim’).

VARIAVEIS DESCARTADAS

Embora o Programa tenha selecionado apenas duas variáveis como estatisticamente relevantes e descartado as demais, apresentam-se aqui os resultados em valores absolutos e percentuais dos grupos de fatores descartados, pois, linguisticamente, podem ajudar na compreensão do fenômeno, por exemplo, ao revelarem a distribuição das variantes no *corpus* analisado. A Tabela 4 resume os resultados encontrados.

Tabela 4: Variáveis eliminadas – Matinha

Variáveis/Fatores		Ocor./Total	Percentual
Definitude do SN	<i>Indefinido</i>	11/336	3%
	<i>Definido</i>	38/981	4%
Natureza sintática do SN	<i>Adj. ou Compl. Adverbial</i>	45/1233	4%
	<i>Objeto indireto</i>	4/36	11%
Concretude do SN	<i>[concreto]</i>	42/933	5%
	<i>[abstrato]</i>	7/384	2%
Animacidade do SN	<i>[inanimado]</i>	42/1186	4%
	<i>[animado]</i>	7/131	5%

Deslocamento no espaço	[+ movimento]	13/256	5%
	[- movimento]	36/1061	3%
Posição no espaço	Dentro	35/1056	3%
	Fora	14/261	5%
Faixa etária	1	12/363	3%
	2	17/506	3%
	3	20/448	4%
Sexo/gênero	Masculino	14/509	3%
	Feminino	35/808	4%

No grupo **Definitude do SN**, por exemplo, o fator *indefinido* apresentou 11 casos de *ni* e no fator *definido* ocorreram 38 dados com uso dessa preposição. Cabe lembrar que, provavelmente, o número de sintagmas definidos com *ni* tenha sido maior do que o de indefinidos porque houve a junção dos graus de definitude [-*específico*] e [+*específico*]. Ainda assim, é possível concluir que o *ni* é mais usado com SNs definidos.

No grupo **Natureza sintática do SN**, o fator *adjunto/complemento adverbial* apresentou 45 casos de *ni* e o fator *objeto indireto* apenas 4 ocorrências dessa preposição. Portanto pode-se dizer que é na função adverbial que o uso dessa preposição é mais recorrente.

Quanto à variável **Grau de concretude do SN**, o fator [*concreto*] apresentou 42 dados com *ni* e o fator [*abstrato*] apresentou 7 casos desse conectivo, o que indica que o *ni*, quando usado, ocorre mais com SNs concretos, considerando os números absolutos.

No grupo **Traço de animacidade do SN**, observa-se que o *ni* foi usado em 42 dados com SN [*inanimado*] e em apenas 7 dados com SN [*animado*]. Assim, a análise revela que essa preposição é mais empregada com SNs inanimados.

No grupo **Deslocamento no espaço**, o fator [+ *movimento*] apresentou 13 dados com a preposição *ni* e o fator [- *movimento*] apresentou 36 ocorrências desse conectivo, o que mostra que o *ni* é estativo.

Os resultados, em termos absolutos, da variável **Posição no espaço** indicam que o *ni* é mais usado com o valor *dentro* – 35 dados – do que com o valor *fora* – 14 dados.

No grupo **Sexo/gênero do falante**, a distribuição dos dados evidencia que o *ni* foi empregado em 14 dados proferidos pelos homens e em 35 dados proferidos pelas mulheres, o que permite concluir que essa preposição é mais recorrente quando o sexo/gênero é feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados, conclui-se que a preposição *ni* pode ter sido originada a partir de uma convergência semântica ocorrida entre elementos morfológicos locativos das línguas contatantes durante o período de colonização do Brasil e/ou também por meio de uma mudança interna da língua para a qual os africanos também teriam contribuído, uma vez que em suas línguas maternas há prevalência de sílabas CV (consoante-vogal) (HOLM, 1992 apud BONVINI, 2009, p. 54). Ou seja, a forma *ni* é consequência de uma convergência semântica e de uma mudança fonética interna acelerada pelo contato linguístico, mas já prevista na deriva secular do português (NARO; SCHERRE, 2007).

Com base nos resultados quantitativos obtidos do *corpus* da Matinha, notou-se que o *ni* tende a ser usado essencialmente em contextos locativos, conforme demonstrou o peso relativo de 0,62 para o fator *lugar* da variável **Traço semântico do SN**. Além disso, na variável **Nível de escolaridade**, o fator *analfabeto*, que está relacionado diretamente com a variável **Faixa etária**, demonstrou relevância para a aplicação do *ni*, com o peso relativo de 0,62, indicando que, possivelmente, em épocas remotas dessa localidade, esse conectivo era recorrente devido à falta do *input* padrão.

Além de comprovar o favorecimento do uso de *ni* em contextos locativos e por falantes analfabetos, a análise também revelou que essa preposição tem como contextos de uso SNs definidos, concretos, inanimados, em função sintática de adjunto/complemento adverbial, indicando [- movimento] e com o valor de posição *dentro*, além de ter sido usado mais pelas mulheres do que pelos homens.

Este artigo apresenta, portanto, a origem da preposição *ni* no português brasileiro e a relevância estatística de duas variáveis em sua aplicação no *corpus* da localidade rural da Matinha como contribuição para a descrição do português brasileiro e para a discussão da sua formação, mas, longe de esgotar o tema, suscita que mais investigações devem ser feitas para um melhor entendimento do fenômeno variável aqui analisado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônia Maria; BARAÚNA, Gilberto Simões. **Gramática yorùbá para quem fala português**. Salvador: SP2YB, 2001.

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Coleção amostras da língua falada no Semiárido Baiano**. Feira de Santana: UEFS, 2008.

BONVINI, Emílio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-62.

CASTILHO, Ataliba. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHATELAIN, Heli. **Gramática elementar Kimbundu: língua de Angola**. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1888-1889, p. 14-15. Disponível em: < <https://archive.org/stream/kimbundugrammar00chatgoog#page/n6/mode/2up> >. Acesso em: 26 abr. 2015.

CUNHA, Celso. Ni «em» = «em casa de». **Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1970, p. 223-300.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Traduzido por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dantes; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 101-124.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 9-14.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NOLL, Volker. **O português brasileiro**: formação e contrastes. Traduzido por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

SOUZA, Emerson Santos. **Descriuolização da variante 'ni' em textos escolares da cidade de Serrinha**. 2012, 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*, Conceição do Coité, 2012.

SOUZA, Emerson Santos. **A preposição 'ni' no continuum rural-urbano de comunidades baianas**. 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana, 2015.

VIARO, Mário Eduardo. **Sobre a origem das preposições ibero-românicas hasta, ata e até**. *Revista Estudos de Linguística Galega*. v. 5, 2013, p. 189-212. Disponível em: <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/viewFile/1346/1182>. Acesso em: 07 fev. 2015.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

DE SOUZA, Emerson Santos; DE OLIVEIRA, Josane Moreira; DE ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. **Minha mãe mora ni feira: o uso da preposição ni no brasil e sua relação com as línguas africanas**. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 89-102, 2016.

Recebido: 31.01.2016

Aprovado : 25.04.2016

